

Igreja católica e homossexualidade: tensões discursivas e perspectivas contemporâneas

Catholic church and homosexuality: discursive tensions and contemporary perspectives

Felipe de Moraes Negro¹

Resumo

Este artigo analisa as tensões entre o discurso oficial da Igreja Católica e as demandas contemporâneas por reconhecimento e inclusão das pessoas homossexuais. Parte-se da compreensão de que o discurso moral-religioso da Igreja foi historicamente construído com base em influências filosóficas, como o platonismo, e em interpretações teológicas que consolidaram uma moral sexual centrada na heterossexualidade e na procriação. Embora documentos eclesiais recentes apresentem maior sensibilidade pastoral, a doutrina permanece rígida ao exigir castidade absoluta de pessoas homossexuais, perpetuando sua marginalização dentro da comunidade de fé. O texto discute como essa contradição entre doutrina e acolhimento compromete a coerência interna do magistério católico e impacta diretamente a vivência afetiva, social e espiritual dos fiéis LGBTQIAPN+. Em contraposição a esse modelo excludente, teólogos contemporâneos e experiências pastorais alternativas têm proposto reinterpretções da ética cristã baseadas na dignidade da pessoa, na escuta das realidades vividas e na valorização da pluralidade humana. Tais reinterpretções também denunciam a lógica assimétrica presente no discurso institucional, que impõe exigências morais desiguais a fiéis com orientações distintas, comprometendo a universalidade da mensagem cristã. O artigo também aponta para a existência de dinâmicas institucionais marcadas por autoritarismo e negação do conflito que dificultam os processos de revisão teológica e de conversão pastoral. A superação dessas contradições requer um compromisso renovado com os valores da justiça e da compaixão, bem como a disposição da Igreja em dialogar com os saberes contemporâneos e rever seus fundamentos morais à luz das exigências éticas do presente.

Palavras-chave: Igreja Católica; homossexualidade; moral sexual; teologia crítica; inclusão pastoral.

¹Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. ORCID 0000-0002-9863-1163. Email: padrefenegro12@gmail.com

Abstract

This article analyzes the tensions between the official discourse of the Catholic Church and contemporary demands for recognition and inclusion of homosexual people. It starts from the understanding that the moral-religious discourse of the Church was historically constructed based on philosophical influences, such as Platonism, and on theological interpretations that consolidated a sexual morality centered on heterosexuality and procreation. Although recent ecclesiastical documents present greater pastoral sensitivity, the doctrine remains rigid in demanding absolute chastity from homosexual people, perpetuating their marginalization within the community of faith. The text discusses how this contradiction between doctrine and acceptance compromises the internal coherence of the Catholic teaching and directly impacts the emotional, social, and spiritual experiences of LGBTQIAPN + believers. In contrast to this exclusionary model, contemporary theologians and alternative pastoral experiences have proposed reinterpretations of Christian ethics based on the dignity of the person, listening to lived realities, and valuing human plurality. Such reinterpretations also denounce the asymmetrical logic present in institutional discourse, which imposes unequal moral demands on believers with different orientations, compromising the universality of the Christian message. The article also points to the existence of institutional dynamics marked by authoritarianism and denial of conflict that hinder the processes of theological revision and pastoral conversion. Overcoming these contradictions requires a renewed commitment to the values of justice and compassion, as well as the Church's willingness to dialogue with contemporary knowledge and review its moral foundations in light of the ethical demands of the present.

Keywords: Catholic Church; homosexuality; sexual morality; critical theology; pastoral inclusion.

Introdução

A relação entre a Igreja Católica e a homossexualidade tem sido objeto de amplos debates e tensões, sobretudo nas últimas décadas, com o avanço das discussões sobre direitos humanos e diversidade sexual. O presente artigo tem como objetivo analisar os deslocamentos, permanências e contradições no discurso moral-religioso da Igreja Católica sobre a homossexualidade, considerando tanto os documentos oficiais quanto as interpretações de teólogos

contemporâneos. A análise contempla aspectos doutrinários, históricos, pastorais e psicossociais envolvidos na temática.

Historicamente, o posicionamento da Igreja Católica em relação à sexualidade humana tem sido construído a partir de uma série de influências filosóficas e culturais que remontam aos primeiros séculos do cristianismo. Elementos da filosofia grega, especialmente do platonismo, e interpretações teológicas de autores como Santo Agostinho contribuíram para a formação de uma moral sexual rígida, centrada na heterossexualidade reprodutiva e na condenação de práticas consideradas desviantes. Ao longo dos séculos, esse entendimento foi consolidado por meio de documentos oficiais e reafirmado pelo magistério, criando uma tradição de difícil revisão.

Além do contexto doutrinário, a questão da homossexualidade no âmbito católico possui implicações significativas no campo social, psicológico e pastoral. As posições assumidas pela Igreja impactam diretamente a vida de milhares de fiéis que se identificam como pessoas LGBTQIAPN+, gerando consequências que vão desde o sofrimento emocional e o sentimento de exclusão até casos de abandono da fé. Do ponto de vista pastoral, os desafios incluem a necessidade de acolhimento, escuta e acompanhamento espiritual. Ao mesmo tempo, é necessário manter a reflexão crítica sobre os fundamentos teológicos que reproduzem e sustentam a exclusão.

O artigo aborda, em especial, os processos de construção e manutenção da moral sexual católica, evidenciando como os conceitos de pecado, natureza e heterossexualidade foram progressivamente codificados como universais, estabelecendo um padrão de normatividade que exclui a vivência plena da sexualidade por pessoas homossexuais. Além disso, será explorada a maneira como o magistério da Igreja lida com suas próprias contradições internas, os limites pastorais impostos e a emergência de vozes dissidentes que desafiam o pensamento oficial. Por fim, será discutida a importância de uma abordagem

mais acolhedora e menos excludente, tendo em vista os impactos emocionais e espirituais das práticas discriminatórias sustentadas em discursos moralizantes.

Diante desse contexto, o presente artigo está organizado em três partes principais. A primeira analisa a construção histórica e ideológica do discurso moral da Igreja sobre a homossexualidade, evidenciando as articulações entre tradição filosófica, doutrina teológica e regulação social da sexualidade. Em seguida, o segundo tópico investiga as ambivalências e contradições do magistério católico, abordando a tensão entre fidelidade doutrinária e abertura pastoral. Por fim, o terceiro eixo do texto discute as vozes dissidentes e as reinterpretações teológicas que desafiam o modelo normativo vigente, propondo caminhos alternativos para uma ética cristã mais inclusiva e sensível à diversidade sexual.

A Construção do Discurso Moral da Igreja sobre a Homossexualidade

A construção do discurso teológico-moral da Igreja Católica em relação à homossexualidade é um processo histórico e ideológico que envolve a articulação de diversos elementos teológicos, culturais e sociais. Segundo Marco Antônio Torres (2006), esse discurso é simultaneamente moral e religioso, operando como uma instância reguladora dos comportamentos individuais e coletivos, com base em uma cosmogonia que concebe Deus como a totalidade onipotente, onipresente e onisciente. Essa estrutura discursiva tem como função a manutenção da hegemonia doutrinária da Igreja, especialmente no período pós-Concílio Vaticano II. A análise de Torres (2006) utiliza a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe para compreender como os significados atribuídos à homossexualidade foram sendo produzidos dentro de condições históricas e contextuais específicas. Nesse sentido, o conceito de "universal" é fundamental para entender como a moral sexual católica se constitui. Para o autor, "a moral sexual se coloca como um universal a partir da incorporação de

elementos no discurso da Igreja Católica” (TORRES, 2006, p. 144). Esse universal, entretanto, é um significante vazio que ganha sentido apenas por meio das articulações discursivas.

Historicamente, o discurso da Igreja sobre a sexualidade humana sofreu influência de correntes filosóficas, especialmente do platonismo, como observa Juan Cornejo Espejo (2008). O autor destaca que a moral sexual católica foi contaminada por concepções que reduziram a ideia de pecado a práticas sexuais consideradas desviantes e aponta a dificuldade dos primeiros teólogos cristãos em estabelecer uma norma específica para a sexualidade, agravada pela influência de uma mentalidade platônica e pelos abusos presentes no contexto pagão, levou os Padres da Igreja a recomendarem a continência e a castidade como modelo moral.

Ao longo dos séculos, a doutrina oficial da Igreja consolidou uma visão essencialista da sexualidade, centrada na heterossexualidade reprodutiva. Esse ponto é reforçado por Patricia Beattie Jung (2006), ao analisar os documentos magisteriais que condenam explicitamente os atos homossexuais como “intrinsecamente desordenados”² (JUNG, 2006, p. 192). A partir dessa perspectiva, a homossexualidade foi enquadrada não apenas como uma conduta moralmente inaceitável, mas como uma ameaça à ordem natural criada por Deus. Edênio Valle (2006) acrescenta que, apesar de algumas mudanças discursivas promovidas no pós-Vaticano II, a Igreja continua a tratar a homossexualidade de forma ambivalente. Enquanto o discurso pastoral sugere acolhimento e respeito à dignidade da pessoa humana, a estrutura normativa permanece rígida e condenatória. Tal contradição reflete a tensão entre o desejo de permanecer fiel à tradição e a necessidade de responder aos novos desafios culturais e sociais.

O discurso moral da Igreja sobre a homossexualidade é resultado de um processo histórico de sedimentação de significados, que articula elementos

² Intrinsically disordered.

doutrinários, filosóficos e culturais, reforçando a hegemonia de uma moral sexual heteronormativa, mesmo diante das pressões contemporâneas por uma maior inclusão e reconhecimento da diversidade. Essa construção histórica de um discurso moral excludente se tornou ainda mais evidente no contexto pós-Concílio Vaticano II. Embora o Concílio tenha promovido importantes aberturas pastorais em diversas áreas, no campo da sexualidade a Igreja manteve uma postura de reafirmação de sua doutrina tradicional.

Além da dimensão teológica, é necessário considerar que a construção do discurso moral da Igreja sobre a homossexualidade também responde a lógicas institucionais e políticas que atravessam a história da tradição católica. Como observa Marco Antônio Torres (2006), a moral sexual assume a função de consolidar identidades e fronteiras simbólicas, articulando a autoridade eclesial com formas de controle social. Nesse processo, o corpo torna-se território de vigilância moral, sendo regulado por normas que não apenas orientam condutas, mas também produzem exclusões. A associação entre sexualidade, pecado e desordem, especialmente quando aplicada à homossexualidade, legitima práticas de silenciamento e marginalização, muitas vezes travestidas de zelo pastoral. Juan Cornejo Espejo (2008) ressalta que, em diversos contextos, o discurso católico tem sido instrumentalizado para respaldar políticas públicas discriminatórias, reforçando desigualdades estruturais sob a justificativa da defesa da ordem natural. Tal operação não apenas reduz a complexidade das vivências homoafetivas, como também bloqueia a possibilidade de diálogo efetivo com os saberes contemporâneos sobre a sexualidade humana.

Valle (2006) destaca que, apesar de uma linguagem pastoral mais moderada, as posições oficiais continuam marcadas por uma visão unilateralmente heterossexual, com resistência a integrar novas compreensões oferecidas pelas ciências humanas. Segundo o autor, “embora ao menos desde o Concílio Vaticano II tenha-se abandonado o rigorismo quase homofóbico de outras épocas históricas, é como se as coisas não estivessem ainda

suficientemente claras e discernidas, nem na teoria, nem na prática” (VALLE, 2006, p. 155).

Outro aspecto relevante é o impacto psicológico e social desse discurso moral sobre os fiéis homossexuais. Juan Cornejo Espejo (2008) chama atenção para o caráter persecutório que as posições oficiais assumiram em determinadas conjunturas históricas, especialmente nos países do chamado Terceiro Mundo. Em um trecho particularmente contundente, o autor afirma:

Das condenações doutrinárias genéricas, eles passaram pelas ameaças de excomunhão não apenas pelos homossexuais que resistiram à castidade imposta, mas também pelas advertências e admoestações expressas para aqueles sacerdotes e religiosos(as) que evidenciam alguma simpatia ou cercania com as reivindicações de movimento LGBT internacional; passando, por certo, pelas pressões e amenas manifestadas a todos aqueles parlamentares que deram seu voto favorável em iniciativas legais que visam a resguardar os direitos humanos desta comunidade, assim como igualá-los aos heterossexuais no exercício dos direitos civis³ (ESPEJO, 2008, p. 35).

Esse posicionamento evidencia não apenas a rigidez doutrinária, mas também o uso de mecanismos institucionais de coerção e controle social. Tais estratégias discursivas reforçam a hegemonia da moral sexual tradicional católica e dificultam tentativas de abertura ao diálogo ou de revisão crítica da doutrina oficial. Um ponto importante a ser considerado é que o discurso moral da Igreja também atua como dispositivo de controle do exercício de vivência das sexualidades e das subjetividades. Segundo Marco Antônio Torres (2006), o discurso eclesial é performativo: não apenas descreve uma realidade, mas contribui para moldá-la. Ao classificar a homossexualidade como desvio, o

³ De las condenas doctrinales genéricas, se ha pasado a las amenazas de excomunión no sólo de los homosexuales que se resistan a la castidad impuesta, sino también a las advertencias y amonestaciones expresas hacia aquellos sacerdotes y religiosos(as) que evidencien alguna simpatía o cercanía con las reivindicaciones del movimiento L.G.B.T.T. internacional; pasando, por cierto, por las presiones y amenazas manifiestas a todos aquellos parlamentarios que den su voto favorable en iniciativas legales que tiendan a resguardar los derechos humanos de esta comunidad, así como igualarlos a los heterossexuales en el ejercicio de los derechos civiles.

discurso não apenas nomeia, mas regula socialmente os corpos e os afetos. Nesse sentido, a produção do "pecado" é inseparável da produção de feminilidades e masculinidades, que passam a ser concebidos como destinatários de uma pedagogia da contenção e da negação e quem, muitas vezes, os excluem da própria comunidade de fé.

A moral sexual católica, portanto, mais do que normatizar comportamentos, institui fronteiras simbólicas entre pureza e desvio, normalidade e desordem. Em outras palavras, na prática, essas fronteiras se transformam em barreiras por meio da negação de sacramentos, reforço nas homilias e assim por diante. Essa tensão interna entre a manutenção da tradição e as novas demandas sociais serão mais bem compreendidas ao analisarmos as contradições presentes no próprio magistério católico, tema que será discutido no próximo item.

O Magistério Católico e as Suas Contradições Internas

O magistério da Igreja Católica, ao longo das últimas décadas, tem apresentado um discurso ambíguo e por vezes contraditório em relação à homossexualidade. Por um lado, a doutrina oficial reafirma, de forma peremptória, a imoralidade intrínseca dos atos homossexuais, ancorando-se em fundamentos bíblicos e teológicos que interpretam a heterossexualidade como expressão única da ordem natural criada por Deus. Por outro lado, documentos recentes e declarações pastorais demonstram um esforço, ainda que tímido, de reconhecer a dignidade e os direitos humanos das pessoas homossexuais.

Jung (2006) destaca que a posição oficial da Igreja é inequivocamente conservadora ao afirmar que os atos homossexuais são "intrinsecamente desordenados"⁴ e, portanto, "não podem, em nenhuma circunstância, ser

⁴ Intrinsically disordered.

aprovados"⁵ (JUNG, 2006, p. 192). Essa condenação moral, reiterada em documentos como a *Persona Humana* (1975) e a *Carta aos Bispos sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais* (1986), coloca sobre os fiéis homossexuais a exigência de uma castidade total e permanente, compreendida como única via de fidelidade ao projeto cristão.

No entanto, Valle (2006) aponta que, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, surgiram tensões internas dentro da própria Igreja. Embora o magistério não tenha alterado substancialmente sua doutrina, observa-se um deslocamento no modo de abordagem pastoral, com maior ênfase na acolhida e no respeito à dignidade da pessoa. Essa tentativa de conciliar fidelidade doutrinária com uma abordagem pastoral mais compassiva gera incoerências no discurso e na prática. Como afirma Valle:

A doutrina permanece rígida, mas no tocante à pastoral (isto é, ao acolhimento e acompanhamento das pessoas) os textos eclesiais (e mais ainda, os dos teólogos) demonstram uma atitude de maior compreensão da complexidade do fenômeno homossexual, em cada um de seus múltiplos e distintos aspectos (VALLE, 2006, p. 155).

Embora Edênio Valle (2006) reconheça que os textos eclesiais recentes demonstram uma atitude pastoral de maior compreensão diante da complexidade do fenômeno homossexual, o autor também evidencia que essa abertura não significa uma revisão efetiva da doutrina moral da Igreja. A rigidez doutrinária permanece como núcleo central do posicionamento eclesial, limitando o alcance das iniciativas pastorais. Nesse sentido, Valle aponta que as mudanças observadas são muito mais retóricas e discursivas do que efetivamente práticas ou teológicas. A preocupação pastoral, embora mais sensível às questões humanas e psicológicas dos fiéis homossexuais, continua subordinada aos parâmetros tradicionais que condenam a expressão afetiva e sexual dessas

⁵ Under no circumstances can they be approved.

peessoas. Assim, a tensão entre acolhimento e condenação persiste como marca estrutural da abordagem católica sobre o tema.

Essa ambivalência é evidenciada também na análise de Espejo (2008), ao destacar que, enquanto a Igreja reforça suas condenações morais, também faz advertências contra a discriminação injusta das pessoas homossexuais. Por exemplo, o Catecismo da Igreja Católica, promulgado em 1992, ao mesmo tempo que reitera a imoralidade dos atos homossexuais, também orienta que “as pessoas homossexuais devem ser acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1992, n. 2358). Apesar disso, Espejo (2008) observa que essa orientação pastoral não elimina a carga condenatória que recai sobre elas. Para o autor, a exigência de castidade total, imposta exclusivamente a essas pessoas, torna o acolhimento sugerido pelo Catecismo ambíguo e insuficiente.

A dualidade discursiva católica é interpretada por Torres (2006) como reflexo de um processo de negociação entre diferentes forças internas à Igreja, na tentativa de preservar sua autoridade moral diante das transformações sociais. Segundo o autor, o discurso oficial busca, simultaneamente, reafirmar a tradição e responder a demandas sociais por maior inclusão, o que resulta em um campo de tensões contínuas. Torres observa que há uma tentativa de articulação entre a manutenção da hegemonia doutrinária e a necessidade de adaptação a novas condições contextuais (TORRES, 2006, p. 146).

Assim, o magistério católico revela-se um espaço de disputa e contradição, onde convivem a rigidez normativa, a abertura pastoral parcial e a crescente pressão social por mudanças mais significativas. Essa tensão compromete a coerência interna do discurso e evidencia os limites da Igreja em oferecer respostas satisfatórias às questões contemporâneas sobre a sexualidade humana. Essa tensão interna entre doutrina e pastoral não é apenas fruto de debates teológicos recentes, mas está enraizada em uma longa tradição de ambivalência institucional. Marco Antônio Torres (2006) destaca que a hegemonia doutrinária

da Igreja é constantemente tensionada por contextos sociais que exigem novas articulações discursivas. Para o autor, o próprio processo de produção do discurso moral-religioso católico é dinâmico e sujeito a reconfigurações.

Edênio Valle (2006) também observa que, em diferentes documentos, a Santa Sé manifesta preocupação com a preservação da ordem moral, mas, ao mesmo tempo, revela sinais de insegurança teórica diante das mudanças culturais em curso. Isso fica evidente na forma como os documentos oscilam entre uma linguagem acolhedora e declarações normativas de forte teor condenatório. Segundo Valle, "não é nada fácil solucionar o impasse em que se encontra a Igreja quanto aos seus ensinamentos sobre a sexualidade humana" (VALLE, 2006, p. 156), evidenciando que o problema transcende a esfera teológica e atinge também a dimensão institucional e pastoral.

Essa oscilação tem gerado reações diversas dentro da comunidade católica. Enquanto setores mais conservadores defendem uma fidelidade irrestrita à tradição moral, grupos progressistas e algumas comunidades pastorais têm buscado construir espaços de acolhida e escuta para pessoas LGBTQIAPN+. Juan Cornejo Espejo (2008) observa que, em algumas regiões, especialmente na América Latina, o discurso oficial da Igreja tem sido usado para legitimar políticas discriminatórias, o que agrava o sofrimento das populações homossexuais.

A oscilação entre fidelidade à tradição e abertura pastoral também pode ser lida à luz da tensão entre ortodoxia e ortopraxia. Como observa Espejo (2008), o magistério muitas vezes privilegia a manutenção da doutrina como garantia de unidade e autoridade institucional, mesmo quando isso implica sacrificar o cuidado efetivo com a vida concreta dos fiéis. Essa rigidez doutrinária revela uma eclesiologia baseada na segurança normativa, que pouco espaço concede à experiência como critério teológico. Nesse contexto, a pastoral do acolhimento torna-se limitada por um paradigma que coloca a castidade como condição prévia para a dignidade, esvaziando o sentido evangélico da misericórdia.

Além disso, o papel das lideranças eclesiais no gerenciamento dessas contradições tem sido objeto de críticas. Chuck DeGroat (2024), ao analisar as dinâmicas de poder dentro de instituições religiosas, alerta para a presença de estruturas narcisistas que reforçam o autoritarismo e a negação de conflitos internos. Segundo o autor, muitos líderes acabam operando dentro de um ciclo de negação e controle, dificultando o reconhecimento da complexidade do fenômeno homossexual e perpetuando formas de exclusão espiritual e social. Diante desse cenário, é possível afirmar que o magistério católico permanece dividido entre a preservação de uma moral sexual tradicional e a crescente demanda social por uma reformulação da teologia moral. Essa tensão será aprofundada no próximo item, que tratará das vozes dissidentes e das reinterpretações teológicas que desafiam o discurso oficial.

Vozes Dissidentes e Reinterpretações Teológicas

Nas últimas décadas, tem-se observado o surgimento de vozes dissidentes dentro da própria Igreja Católica e no campo da teologia moral, que propõem reinterpretações críticas da doutrina oficial sobre a homossexualidade. Essas vozes desafiam a interpretação tradicional do magistério, questionando não apenas o conteúdo das condenações, mas também os pressupostos teológicos, antropológicos e epistemológicos que as sustentam. Alguns teólogos e grupos pastorais⁶ têm buscado tensionar os limites do discurso hegemônico, propondo

⁶No Brasil, essas vozes dissidentes se expressam sobretudo em grupos e movimentos que buscam articular fé e diversidade sexual. Podemos mencionar a Pastoral da Diversidade Católica, presente em algumas dioceses, e o grupo Diversidade Católica, fundado no Rio de Janeiro nos anos 2000, como exemplos de iniciativas que promovem espaços de acolhimento e espiritualidade para fiéis LGBTQIAPN+. Além desses coletivos, organizações como Católicas pelo Direito de Decidir têm contribuído para a abertura de debates sobre sexualidade e direitos no interior do catolicismo latino-americano. No campo acadêmico e teológico, autores como André Musskopf, Marcelo Natividade e Maria José Rosado Nunes problematizam os fundamentos da moral sexual tradicional, propondo releituras críticas que afirmam a dignidade das pessoas LGBTQIAPN+ como parte da comunidade de fé. Essas experiências demonstram que, embora minoritárias, as reinterpretações teológicas no contexto brasileiro têm se consolidado como formas legítimas de resistência ao discurso hegemônico da Igreja.

novas articulações discursivas que contemplem a pluralidade das experiências humanas. Marco Antônio Torres (2006), ao analisar o discurso moral-religioso da Igreja Católica, evidencia como esses movimentos procuram desestabilizar o "universal" construído pela moral sexual católica, mostrando que os significados atribuídos à homossexualidade são historicamente contingentes e sujeitos a reelaboração. O autor afirma que "a constituição de uma hegemonia específica" (TORRES, 2006, p. 144) no campo da moral sexual católica não elimina a emergência de discursos alternativos.

Nessa mesma direção, Edênio Valle (2006) destaca que há, no interior da própria Igreja, um movimento que busca valorizar conceitos antes não aplicados à discussão, como o da pessoa humana em sua dignidade e direitos como cidadão e como cristão (p. 155), ampliando os referenciais éticos para além da normatividade sexual tradicional. Valle (2006) também destaca o papel de alguns moralistas contemporâneos, como Marciano Vidal e Benjamín Forcano, que vêm desenvolvendo reflexões críticas acerca da sexualidade e da ética cristã. Esses autores propõem uma abordagem mais inclusiva, que reconheça a dignidade das pessoas homossexuais e questione o reducionismo biologicista presente em muitas argumentações oficiais. Valle afirma que há, no interior da própria Igreja, um movimento que busca "valorizar conceitos antes não aplicados à discussão, como o da pessoa humana em sua dignidade e direitos como cidadão e como cristão" (VALLE, 2006, p. 157).

Juan Cornejo Espejo (2008), por sua vez, chama atenção para a crítica ao essencialismo teológico que fundamenta as condenações à homossexualidade. Para o autor, o magistério católico tem sustentado uma leitura excessivamente literalista das Escrituras, ignorando os avanços das ciências humanas e sociais na compreensão da sexualidade. Cornejo questiona a pretensão de que a heterossexualidade seja uma exigência universal e necessária da natureza humana. Como afirma: "a sacralização dos juízos moralizantes aparece como a

consequência lógica de um fundamentalismo literalista recorrente em matéria sexual"⁷ (ESPEJO, 2008, p. 37).

Chuck DeGroat (2024), ao abordar a questão do narcisismo institucional dentro das comunidades religiosas, oferece uma chave interpretativa interessante para compreender as resistências da Igreja Católica em revisar seu discurso sobre a homossexualidade. Segundo o autor, muitas lideranças eclesiais desenvolvem estruturas de poder marcadas por um narcisismo espiritual que impede o reconhecimento da dignidade alheia e reforça padrões de exclusão. O autor alerta para a presença de estruturas narcisistas que reforçam o autoritarismo e a negação de conflitos internos. Segundo o DeGroat, muitos líderes acabam operando dentro de um ciclo de negação e controle, dificultando o reconhecimento da complexidade do fenômeno homossexual e perpetuando formas de exclusão espiritual e social. Ele acrescenta que, nesses contextos, a santidade frequentemente é confundida com obediência cega, enquanto a dúvida e a discordância são tratadas como sinais de deslealdade ou pecado. Essa mentalidade contribui para a exclusão de vozes dissidentes e a supressão de qualquer possibilidade de revisão crítica, favorecendo lideranças autoritárias que operam sob a aparência de zelo espiritual.

Além dessas vozes internas, o debate teológico contemporâneo tem sido influenciado por estudos históricos, como os de John Boswell, que questionam a ideia de que o cristianismo, desde suas origens, foi homogêneo em sua condenação à homossexualidade. Marco Antônio Torres (2006) ressalta que essas reinterpretções históricas e exegéticas têm sido fundamentais para o surgimento de novas perspectivas teológicas que buscam uma maior abertura à diversidade sexual.

⁷ La sacralización de los juicios moralizantes aparece como la consecuencia lógica de un fundamentalismo literalista recorrente en materia sexual.

Entre essas reinterpretações, destaca-se a teologia *queer*⁸, que propõe uma crítica aos fundamentos normativos da moral sexual cristã e reivindica uma leitura bíblica não heterocentrada, atenta à pluralidade dos corpos e das identidades. Autores influenciados por essa abordagem procuram desconstruir a ideia de “natureza” como critério absoluto e recuperam tradições de interpretação que valorizam o cuidado, a justiça e a reciprocidade como princípios éticos centrais. Outras reinterpretações, mais alinhadas com correntes reformistas dentro da própria Igreja, têm reinterpretado os chamados “textos da condenação” sob uma perspectiva histórico-crítica, sugerindo que as passagens tradicionalmente usadas contra a homossexualidade não se referem à orientação sexual como entendemos hoje, mas a práticas ligadas à idolatria, exploração ou dominação. Essa abertura hermenêutica tem permitido o desenvolvimento de modelos teológicos nos quais o exercício da sexualidade entre pessoas do mesmo sexo, quando vivido com responsabilidade e afeto mútuo, não é incompatível com a fé cristã. Tais contribuições ampliam o horizonte da teologia moral contemporânea e desafiam a Igreja a considerar, com seriedade, a diversidade humana como expressão legítima da criação.

As vozes dissidentes e as reinterpretações teológicas que emergem no interior da Igreja e no campo acadêmico revelam um processo de disputa simbólica e política em torno do significado da homossexualidade. Elas apontam para a possibilidade de uma ética cristã mais inclusiva, capaz de dialogar com as realidades contemporâneas e com os avanços das ciências humanas. Além das contribuições já mencionadas, é importante destacar que a emergência de vozes dissidentes dentro da Igreja Católica não se restringe ao campo acadêmico ou

⁸ Para ler mais, consulte: ALTHAUS-REID, Marcella. *The Queer God*. London: Routledge, 2003; GROSS, Mona West; STONE, Ken (Org.). *The Queer Bible Commentary*. London: SCM Press, 2007; ALISON, James. *Faith Beyond Resentment: Fragments Catholic and Gay*. New York: Crossroad Publishing, 2001; MUSSKOPF, André S. *Teologia e sexualidade: ensaios sobre teologias gays, lesbofeministas e queer*. São Leopoldo: Sinodal, 2012; NATIVIDADE, Marcelo. *Religião e sexualidade: entre o silêncio e a denúncia*. In: MACRAE, Edward et al. (Org.). Salvador: Edufba, 2010. p. 355–376.

teológico. Ela também se manifesta em iniciativas pastorais concretas que buscam oferecer acolhimento e escuta às pessoas homossexuais.

Edênio Valle (2006) chama atenção para a atuação de grupos de base e pastorais inclusivas que, mesmo sem o respaldo oficial da hierarquia, constroem espaços de diálogo e espiritualidade para os fiéis LGBTQIAPN+. Essa prática pastoral, embora não formalizada, representa um contraponto às posturas normativas do magistério e evidencia a pluralidade de experiências dentro da própria Igreja. O autor aponta algumas correntes contemporâneas que têm buscado repensar a ética sexual a partir de uma perspectiva mais aberta e centrada na dignidade da pessoa humana. Essas abordagens questionam visões reducionistas que limitam a moral sexual a critérios puramente biológicos, propondo, em vez disso, uma interpretação mais contextualizada da sexualidade. Essa releitura leva em consideração os avanços das ciências humanas e sociais, integrando dimensões como a liberdade, o afeto e a realidade concreta das relações humanas.

Marco Antônio Torres (2006) reforça que toda construção discursiva é contingente e, portanto, sujeita a deslocamentos. Ele sustenta a possibilidade de que o discurso moral da Igreja sobre a homossexualidade também seja historicamente rearticulado, isso porque os discursos alternativos não apenas tensionam a hegemonia vigente, mas também apontam para outras formas de significar a sexualidade dentro do campo religioso.

Juan Cornejo Espejo (2008) vai além ao criticar a forma como o magistério utiliza o argumento da ordem natural para justificar a exclusão das pessoas homossexuais da vivência afetiva plena. Segundo o autor, essa postura representa uma negação da dignidade e da subjetividade dos fiéis LGBTQIAPN+. Ele observa que a orientação pastoral da Igreja Católica, embora invoque o respeito e a compaixão pelas pessoas homossexuais, impõe a elas uma exigência de celibato absoluto e vitalício que não é aplicada aos fiéis heterossexuais. Tal assimetria normativa, segundo o autor, configura uma lógica de exclusão que

impede o reconhecimento da afetividade e da sexualidade dessas pessoas como expressões legítimas da dignidade humana. Ao apresentar a castidade como única possibilidade de fidelidade cristã para os homossexuais, a Igreja acaba reforçando e sustentando uma situação de desigualdade moral e espiritual.

Chuck DeGroat (2024), por sua vez, oferece uma leitura mais psicológica ao apontar como estruturas narcisistas dentro das lideranças eclesiais podem reforçar discursos de exclusão e negação da alteridade. DeGroat enfatiza que muitos líderes religiosos tendem a interpretar vozes dissidentes como ameaças ao seu poder e à sua autoridade espiritual, o que dificulta o avanço de posturas mais acolhedoras. Esse panorama evidencia que as vozes dissidentes e as reinterpretções teológicas sobre a homossexualidade na Igreja Católica não apenas questionam a doutrina vigente, mas também propõem novos caminhos para uma ética cristã mais acolhedora, respeitosa e sintonizada com as complexidades da experiência humana contemporânea.

As contribuições dessas vozes críticas não visam apenas revisar normas sexuais, mas também propor uma reforma mais ampla da teologia moral católica. Edênio Valle (2006) observa que a teologia tradicional operou, por séculos, com uma concepção de sexualidade desvinculada da experiência afetiva, reduzida à sua função procriativa e reprodutiva. A redescoberta da sexualidade como expressão do cuidado, da intimidade e do compromisso interpessoal desafia os fundamentos clássicos da ética sexual eclesial. O surgimento de novas hermenêuticas, fundamentadas na escuta das subjetividades, aponta para um cristianismo capaz de reconhecer que a moral não deve ser instrumento de exclusão, mas mediação de liberdade e dignidade.

Vozes como a do Papa Francisco têm ocupado um lugar central nas discussões sobre homossexualidade dentro da Igreja Católica. Sua famosa declaração, durante a viagem de retorno da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em 2013, marcou uma inflexão significativa no discurso pontifício:

“Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?” (PAPA FRANCISCO, 2013). Embora não represente uma mudança na doutrina, essa postura revela uma abertura pastoral que desloca o foco da condenação para o acompanhamento misericordioso. Em diversos documentos e entrevistas posteriores, Francisco reafirmou que as pessoas homossexuais devem ser acolhidas na comunidade cristã sem discriminação, insistindo que a Igreja não pode se tornar cúmplice de exclusões que contradizem o Evangelho. Essa ênfase pastoral não elimina as tensões internas do magistério, mas introduz uma linguagem mais inclusiva e relacional, que desafia a lógica do silenciamento e da marginalização.

Considerações Finais

A análise dos textos aqui discutidos evidencia que a relação entre a Igreja Católica e a homossexualidade continua marcada por tensões profundas entre tradição e transformação. Embora o discurso oficial do magistério mantenha uma doutrina rígida e condenatória em relação aos atos homossexuais, observa-se uma crescente pressão interna e externa por reinterpretações mais inclusivas, sensíveis à dignidade e à complexidade da experiência humana. Assim, o artigo buscou evidenciar que o discurso moral-religioso católico não é estático, mas sim resultado de articulações históricas, teológicas e políticas que respondem a contextos específicos. A doutrina da Igreja, longe de ser imune às transformações sociais, é constantemente tensionada por forças que disputam seus significados e aplicações.

As vozes dissidentes que emergem no interior da Igreja – sejam elas de teólogos, comunidades pastorais ou fiéis leigos – não apenas questionam a normatividade heterossexual imposta como padrão absoluto, mas propõem uma nova hermenêutica baseada na escuta, no respeito e na centralidade da pessoa

⁹ If someone is gay and is searching for the Lord and has good will, then who am I to judge him?

humana. Ao lado disso, a crítica às estruturas de poder e aos mecanismos de exclusão espiritual, como os apontados, mostram que o problema não se limita à doutrina, mas também às formas autoritárias com que ela é sustentada.

Este estudo conclui que a manutenção de uma moral sexual excludente contribui não apenas para o sofrimento e o silenciamento das pessoas LGBTQIAPN+ dentro da Igreja, mas também compromete o testemunho cristão no mundo contemporâneo. Superar essa contradição exige coragem teológica e pastoral, disposição ao diálogo e um compromisso radical com o Evangelho de inclusão, justiça e amor.

Embora a moralidade católica pretenda estabelecer diretrizes universais, a sua efetiva influência sobre a população LGBTQIAPN+ é bastante desigual. Para uma parcela de fiéis que permanecem ligados à Igreja, a normatividade proposta pelo magistério continua a ser referência, ainda que muitas vezes vivida com tensão e sofrimento. Pesquisas de Marcelo Natividade (2010) e Leandro Colling (2015) mostram que parte das pessoas LGBTQIAPN+ busca negociar sua identidade sexual e de gênero com a fé, seja reinterpretando a doutrina, seja engajando-se em comunidades religiosas mais inclusivas. Entretanto, grande parte da população LGBTQIAPN+ não pauta suas escolhas pela moralidade eclesial e rejeita a autoridade do Santo Ofício sobre sua vida íntima. Ainda assim, mesmo aqueles que não reconhecem essa autoridade são afetados indiretamente, uma vez que a moral sexual católica exerce peso simbólico e político no espaço público, contribuindo para a legitimação de discursos de exclusão e para a manutenção de práticas sociais discriminatórias.

REFERÊNCIAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999. (Primeira edição em português: 1992).

CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE O ATENDIMENTO PASTORAL DAS PESSOAS HOMOSSEXUAIS. Congregação para a Doutrina da Fé. Vaticano, 1986.

DEGROAT, Chuck. *Quando o narcisismo invade a igreja: enfrentando o ego espiritualizado para curar a comunidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2024.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA, 2015.

ESPEJO, Juan Cornejo. *Homosexualidad y cristianismo en tensión: la percepción de la doctrina católica en países del Tercer Mundo*. Medellín, v. 34, n. 133, p. 29–44, 2008.

INSTRUÇÃO SOBRE ALGUMAS QUESTÕES DE MORAL SEXUAL. *Persona humana*. Congregação para a Doutrina da Fé. Vaticano, 1975.

JUNG, Patricia Beattie. *Roman Catholic teaching on homosexuality*. In: HORNER, Tom; BUCHANAN, John M. (Org.). *Homosexuality and religion: an encyclopedia*. New York: Greenwood Press, 2006. p. 191–195.

NATIVIDADE, Marcelo. *Religião e sexualidade: entre o silêncio e a denúncia*. In: MACRAE, Edward; PELÚCIO, Larissa; NOGUEIRA, Orivaldo (orgs.). *Manual de estudos sobre a homossexualidade*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 355–376.

PAPA FRANCISCO. Conferência de imprensa durante o voo de regresso ao Vaticano. 28 jul. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso 30 ago 2025.

TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas*. Revista de Estudos da Religião – REVER, São Paulo, n. 1, p. 142–152, jan./jun. 2006.

VALLE, Edênio. *A Igreja Católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições*. Revista de Estudos da Religião – REVER, São Paulo, n. 1, p. 153–185, jan./jun. 2006.